EDUCAÇÃO e TECNOLOGIA

Revista do Instituto Politécnico da Guarda

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade
Instituto Politécnico da Guarda

Director
João Bento Raimundo

Redacção
Serviços Centrais do IPG - Quinta do Zambito
6300 Guarda
telf. 222634 * telecópia 222690

Composição
Gabinete Editorial do IPG

Execução Gráfica e Impressão
Secção de Reprografia do IPG

Periodicidade
Semestral

Tiragem
1.000 ex.

Depósito Legal
nº 17.981/87

nº XII - Julho de 1993

Foto da Capa : Campo de Jogos e vista parcial
da Escola Superior de Educação

EVIDÊNCIAS e VALORES

A Revista "**Educação e Tecnologia**" apresenta hoje o seu décimo segundo volume.

Poderemos afirmar, sem hesitações, que é uma publicação solidamente firmada, um título bem projectado no panorama das edições desta natureza.

A nossa Revista, como facilmente se pode verificar, traduziu a evolução registada por este estabelecimento de ensino superior, consubstanciando essa própria evolução, alicerçando colaborações e incentivando novos trabalhos, em vários domínios.

E este percurso não pode passar indiferente às novas estruturas projectadas e que vão ser de importância fundamental para a prossecução de todo um trabalho subjacente à dinâmica cultural, científica e pedagógica de um estabelecimento de ensino superior. Neste contexto, a construção de uma Biblioteca Central no IPG vai responder às exigências hodiernas e contemplar as previsíveis alterações do futuro, tornando-se num permanente centro de documentação e pesquisa.

Daí resultarão, estamos certos, novos e importantes contributos para esta publicação que também aí terá um estatuto de relevo, como produção própria do IPG e veículo de difusão de ciência e cultura.

É que, continuamos de olhos postos no futuro, apostados em servir cada vez melhor, sempre dentro de rigorosos critérios de competência e com permanente afirmação de qualidade.

Se é certo que o sonho comanda a vida, "*aquilo que só existe no sonho* — como escreveu Georges Gusdorf — *resiste melhor à usura do tempo, à degradação das evidências e dos valores.*"

João Raimundo
Presidente da Comissão Instaladora
do Instituto Politécnico da Guarda

A CRIANÇA, O JOGO E O CONTEXTO CULTURAL

Mário Cameira Serra*

1. REVISÃO DA LITERATURA

Estamos de acordo com Bronfenbrenner (1986), quando afirma que escasseiam os estudos sobre a actividade lúdica da criança, perspectivados intra e intercontextualmente, num ponto de vista bidireccional, isto é, preocupados com os sujeitos de observação, as sua práticas e o contexto sociocultural onde estão inseridos (Bronfenbrenner, 1986).

Consideramos o contexto sociocultural como o conjunto de todos os elementos (físico-geográficos, sociais e culturais) com os quais a criança pode interagir, na acepção que Chombart de Lauwe (1976) atribui ao vocábulo *milieu* .

Atendendo às variações intercontextuais ocorridas na prática lúdica, alguns autores têm-se preocupado em conhecer os jogos realizados por crianças pertencentes a meios socioculturais diferenciados (Sutton Smith, 1974, 1975, 1986; Roberts & Sutton-Smith, 1962).

Efectivamente, só através de estudos comparativos das rotinas diárias das crianças de diferentes contextos culturais se poderão clarificar as repercussões das condições ambientais nas mudanças quantitativas e qualitativas ocorridas no seu desenvolvimento.

Do mesmo modo, apenas uma via de estudo intercontextual nos permitirá perceber a importância das práticas lúdicas, estereótipos culturais, expectativas e pressões sociais, nas diferenciações de natureza física, motora e psicológica ocorridas entre rapazes e raparigas, demasiado evidentes para serem explicadas somente pela influência hormonal (Sherif & Rattray,

* Professor Adjunto da ESEG.

1977). Em face do exposto, as diferenças existentes entre os jogos dos rapazes e das raparigas têm suscitado o interesse de vários investigadores (Carvalho et al, 1990; McPherson et al , 1977; Lopes 1989; Sherif & Rattray, 1977; Sutton-Smith, 1986; Thomas & Thomas, 1968).

Outra linha de investigação bastante recente, prosseguida por autores holandeses, revela a correlação existente entre a atitude dos pais perante a actividade lúdica dos filhos e a duração desta prática (Kooij, 1986; Kooij & Hurk, 1991; Kooij & Meijes, 1986; Poel et al, 1991).

2. O PROBLEMA

Aceites as características singulares e indivisas da cultura, na perspectiva defendida por Benedict, Mauss (1966) e Chombart de Lauwe e colaboradores (1976), a actividade lúdica, como factor cultural de inegável interesse, está inalienavelmente associada aos valores, necessidades e aspirações de cada contexto.

Assim, padrões socioculturais dissemelhantes, em localidades do meio rural, misto e urbano, produzirão diferenças nas práticas lúdicas de crianças pertencentes a cada um dos aludidos contextos, tendo em conta as características motoras destas actividades?

3. METODOLOGIA

Procedeu-se primeiramente à caracterização de cada um dos contextos socioculturais estudados. Para o efeito, foram realizadas entrevistas a responsáveis autárquicos e professores e observados os centros cívicos locais, espaços socioeducativos e logradouros das escolas.

Através de observação directa, de tipo naturalístico, anotaram-se os jogos praticados por alunos de escolas primárias, descrevendo-se o seu desenvolvimento e variações, utilizando para o efeito uma ficha de registo apropriada.

Tendo como suporte um formulário com treze grupos de questões, foi realizada uma entrevista padronizada a 144 alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico, sendo 48 de cada um dos contextos socioculturais seleccionados:

- meio urbano - cidade da Guarda, capital de distrito;
- meio misto - vila do Sabugal, sede de concelho;
- meio rural - freguesias de Foios, Soito e Vale de Espinho, pertencentes ao concelho do Sabugal.

A amostra compreendeu metade de sujeitos de cada sexo, distribuídos equitativamente por quatro grupos etários: 6, 7, 8 e 9 anos.

A entrevista teve como finalidade a recolha de informações detalhadas acerca das condições socioeconómicas da família e do

modo como as crianças fazem a gestão do tempo, espaço, objectos e rotinas diárias, dando particular relevo às actividades lúdicas realizadas no logradouro escolar e na rua.

Tendo em vista a ordenação dos dados referentes à gestão dos objectos, recorremos às categorias propostas por Garon (1985), no seu sistema ESAR.

Em relação às práticas lúdicas, constituiu a principal preocupação deste estudo a compreensão das características motoras dos jogos das crianças de cada um dos meios. A este propósito, as classificações estruturais de Caillois (1958), Garon (1985), Parlebas (1981) e Piaget (1968), as tipologias utilitárias de Borotrav (1972) e Manson e colaboradores (1990), assim como a ordenação mista de Chateau (1967), mostraram-se desajustadas ao estudo da relação entre jogo e motricidade.

Deste modo, criámos uma classificação utilitária, constituída pelas seguintes categorias:

1 - *Jogos de corrida e perseguição* (CP), que correspondem a actividades lúdicas nas quais a acção motora predominante é a corrida, para tocar ou agarrar um ou vários adversários.

2 - *Jogos de saltos* (SA), actividades que têm como tarefa motora principal, saltar ou saltitar, com um ou os dois pés.

3 - *Jogos de locomoção* (LC), práticas cujo princípio motor fundamental é deslocar o próprio corpo, com ou sem material de suporte apropriado, ou fazer deslocar um ou vários oponentes e tentar não ser deslocado por ele(s).

4 - *Jogos de descoberta* (DE), correspondentes às actividades lúdicas cujo principal objectivo é encontrar o(s) jogador(es) ou objecto(s) previamente escondios.

5 - *Danças e batimentos rítmicos* (DA), situações lúdicas baseadas em séries de movimentos ritmados e/ou batimentos acompanhados de canções ou cantilenas.

6 - *Jogos de dramatização* (DR), situações lúdicas de ficção e/ou representação de papeis.

7 - *Jogos desportivos com bola* (DB), actividades lúdicas que envolvem cooperação e competição, nas quais se utiliza uma bola ou objecto volante. Nesta categoria consideram-se formas de prática, quer evoluídas quer rudimentares, dos jogos desportivos com bola.

8 - *Outros jogos com bola* (OB), práticas de natureza tradicional, não institucionalizadas, que envolvem competição e/ou cooperação, realizada com bola.

9 - *Jogos de lançamento* (LA), actividades que se baseiam no lançamento de um ou vários objectos, na tentativa de acertar noutros(s) ou num alvo previamente estabelecido.

10 - *Jogos de mesa* (ME), situações lúdicas realizadas na posição de sentado ou joelhado, sem a interferência da motricidade grossa.

11 - *Jogos electrónicos, robóticos ou informáticos* (EL),

respeitantes às praticas lúdicas que utilizam, como suporte material, objectos construídos a partir das novas tecnologias.

4 - RESULTADOS

O estudo que deu a origem a esta comunicação (Serra, 1992), disponibiliza dados referentes às condições socioeconómicas da família, assim como à gestão que a criança realiza do tempo, espaço, objectos e rotinas diárias. Todavia, dadas as circunstâncias, apenas se apresentam detalhadamente os resultados respeitantes às actividades lúdicas.

4.1 - Condições socioeconómicas da família

Apenas no meio rural surgem famílias com quatro e cinco filhos. As médias aritméticas do número de irmãos das crianças entrevistadas apresentam valores de 1.35, 1.25 e 1.02, nos meios rural, misto e urbano, respectivamente. Os desvios padrões referentes a esta distribuição reflectem maior dispersão dos dados no meio rural e menor no urbano (SD = 1.13, 0.92 e 0.75).

Em relação à profissão dos pais, o meio rural caracteriza-se pela quase inexistência de ocupações da categoria A (quadros superiores, profissões liberais, professores)[1]; valores percentuais próximos dos 30% para os pais e apenas 10% para as mães na categoria B (comerciantes, funcionários públicos) e percentagens de 40% para os pais e 35% para as mães na categoria C (operários, trabalhadores de construção civil, empregados de balcão). Neste contexto, 33% dos pais são agricultores e 73% das mães são domésticas, embora muitas ocupem parte do dia no cultivo das terras.

Nos contextos misto e urbano não existem pais exclusiva ou predominantemente ocupados com a agricultura. Em contrapartida, as percentagens referentes às categorias A e B sobem acentuadamente em relação ao meio rural. Na cidade e na vila existem mais mulheres que homens com profissões da categoria A e, ao invés, maior número de homens com ocupações da categoria B.

A percentagem de mães domésticas é de 42% no meio misto e 23 % no urbano.

4.2 - Gestão do tempo e do espaço

Não foram notadas grandes diferenças nas rotinas diárias das crianças dos três contextos socioculturais, dependendo essas variações dos diferentes horários adoptados pelas escolas.

---

(1) - Foi utilizada uma classificação de ocupações profissionais adaptada da Classificação Nacional de Profissões, do Ministério do Trabalho (1980), bem como de Costa e Machado (1987), Grácio e Miranda (1977) e Correia (1985).

Os espaços socioeducativos existentes apresentam-se mais acessíveis às crianças dos meios rural e misto que às do urbano.

Todavia, o meio rural não dispõe de jardins e parques, nele abundando, no entanto, os espaços naturais.

Nos contextos rural e misto não existem piscinas públicas, substituídas pelo rio, enquanto na cidade essas instalações são utilizadas regularmente, no período de Verão, por 50% das crianças entrevistadas.

As crianças do meio rural não têm possibilidade de utilizar o pavilhão desportivo, acessível a 44% dos alunos do meio misto e apenas a 10% do contexto urbano.

A totalidade dos alunos do meio rural e misto declara utilizar regularmente a rua como local de jogo. No contexto urbano, 17% não a utiliza com finalidades lúdicas, ou fá-lo esporadicamente.

No que concerne ao espaço disponível no logradouro escolar, determinámos a área de utilização por aluno (AU/AL), dividindo a superfície de recreio pelo total de alunos da escola. Verificámos, assim, que o seu valor é de 5,6 m2 por aluno no meio urbano, 8,9 m2 no misto e 27,8 m2 no rural. Neste contexto, existem largos espaços públicos contíguos às escolas, disponíveis para a actividade lúdica dos alunos. A serem considerados estes espaços, a AU/AL passaria, no meio rural, para 45 m2 por aluno, valor oito vezes superior ao respeitante ao meio urbano e cinco ao meio misto.

4.3 - Gestão dos objectos

As crianças do meio urbano possuem mais brinquedos comprados que as dos contextos misto e, sobretudo, rural.

A média de objectos de jogo declarados, por criança, é de 6,4 no contexto urbano, 5,6 no misto e 5,1 no rural.

Aplicando àqueles objectos a classificação com características piagetianas de Garon (1985), notámos que a percentagem de brinquedos que servem de suporte a jogos *de regras* é maior no meio rural. Em contrapartida, é na cidade que os materiais dos jogos *de acoplagem* (de articulação e ajustamento de peças) apresentam um valor percentual mais elevado.

Do mesmo modo, os brinquedos *electrónicos, robóticos ou informáticos*, assim como alguns acessórios dos jogos de *locomoção* (*skates* e patins) predominam na cidade e existem em menor percentagem na aldeia. Ao invés, as crianças dos meios misto e rural possuem mais bicicletas que as do contexto urbano. Pelo contrário, na cidade predominam os *jogos de mesa* como o xadrez, as damas, o dominó, o sabichão, o monopólio e outros.

Em relação aos brinquedos construídos pelas próprias crianças, ou manufacturados com a ajuda do adulto, notámos que existem em maior número na aldeia e, em menor quantidade, na

vila e cidade (1,73 de media no meio rural, 1,2 no misto e 0,73 no urbano).

Entre os brinquedos autoconstruídos, os que respeitam aos jogos *de exercício* e aos jogos *com regras simples* têm um valor percentual superior no contexto rural e inferior no meio urbano, enquanto os objectos referentes aos jogos *simbólicos* (bonecas, mobiliário miniaturizado, etc.) apresentam uma percentagem maior na cidade e menor na aldeia.

A percentagem de alunos que declarou já ter construído pelo menos um brinquedo é de 75%, 62% e 33%, respectivamente nos contextos rural, misto ou urbano.

4.4 - Gestão das práticas

Em todos os contextos socioculturais estudados, uma elevada percentagem de crianças declara coleccionar objectos. Todavia, esse valor é maior no meio urbano (20%) e menor no rural (77%).

A audição de rádio é maior no meio misto (60%) que no urbano (50%) e no rural (42%). Do mesmo modo, é na cidade que se mostra mais elevado o número de espectadores regulares da televisão portuguesa (92%), seguindo-se o meio misto (90%) e o rural (83%). Ao invés, dada a situação fronteiriça das aldeias estudadas, é no meio rural que existe maior percentagem de espectadores da televisão espanhola (75%).

Grande número de crianças em qualquer dos contextos socioculturais declara ajudar regularmente a família (96% no meio rural, 92% no misto e 87% no rural). No entanto, além de prestar pequenas ajudas domésticas, a criança da aldeia é solicitada a realizar, também, pequenos trabalhos na horta ou na quinta.

4.5 - A criança e os jogos

Relativamente às práticas lúdicas realizadas pelas crianças no logradouro escolar, durante o tempo de recreio, constatámos que:

a) jogos com *as apanhadas*, *escondidas*, *futebol* e *elástico*, foram referenciados por um número bastante elevado de crianças em todos os contextos;

b) o número de práticas lúdicas mencionadas simultaneamente nos três meios socioculturais, corresponde a 73% da totalidade de referências no logradouro escolar e 71% na rua;

c) os jogos mais mencionados em qualquer dos contextos constituem práticas que perduram entre os 6 e os 9 anos;

d) em qualquer dos meios socioculturais, existem jogos praticados exclusiva ou preferencialmente por raparigas ou por rapazes (cf. quadro 1).

Quadro 1 - Famílias de jogos e prática por sexos (%), no logradouro da escola e na rua

Jogos Praticados:	M. RURAL		M. MISTO		M. URBANO	
	Lograd.	Rua	Lograd.	Rua	Lograd.	Rua
+ por rapazes	17,0	6,1	12,9	13,9	15,4	16,1
+ por raparigas	28,3	22,4	29,0	25,0	12,8	7,1
Só por rapazes	28,3	28,6	35,5	36,1	25,6	35,7
Só por raparigas	22,6	32,7	16,1	19,4	41,0	39,3
Igualmente por rapazes e raparig.	3,8	10,2	6,5	5,6	5,1	1,8

e) algumas práticas lúdicas, embora mencionadas num dos contextos exclusivamente por crianças do sexo masculino ou feminino, surgem noutro meio sociocultural como jogos realizados por rapazes e raparigas.

4.6 - Jogo e motricidade

Aplicando as categorias da classificação criada, obtivemos os resultados apresentados no quadro 2. A sua apreciação permite-nos verificar que:

a) *as actividades lúdicas de grande movimentação*, que compreendem as classes CP (jogos de corrida e perseguição) e SA (jogos de saltos) apresentam um valor percentual que, no logradouro escolar, é igual a 48% na aldeia, 55% na vila e 59% na cidade. Em relação às práticas lúdicas ocorridas na rua, essas percentagens decrescem para 36%, 45% e 31%, respectivamente;

b) os jogos integrados nas classes EL (electrónicos, robóticos e informáticos) e ME (jogos de mesa), no seu conjunto, respeitam a *actividades que exigem apenas a interferência da motricidade fina*. Os seus valores percentuais são inexistentes, ou quase, nas práticas ocorridas no logradouro (0,3% no meio rural, 0% no misto e 1,4% no urbano) mas registam uma subida considerável nas actividades de rua (6% na aldeia, 5% na vila e 18% na cidade);

Quadro 2 - Classes de jogos praticados no logradouro da escola e na rua (%)

Classes de Jogos	M. Rural		M. Misto		M. Urbano	
	Lograd.	Rua	Lograd.	Rua	Lograd.	Rua
CP	28,5	19,8	31,5	23,5	38,0	16,8
SA	19,9	16,2	23,8	20,0	21,5	14,3
EL	—	—	—	—	1,4	5,1
ME	0,3	6,1	—	5,5	—	12,8
DA	9,2	—	1,9	1,1	2,8	2,2
DR	2,8	14,7	6,4	10,2	4,2	14,3
DB	11,3	15,8	10,6	7,3	7,0	8,4
OB	6,7	3,6	3,9	6,5	3,2	3,3
DE	12,0	4,0	13,8	9,8	13,4	7,3
LC	2,8	13,7	1,3	9,8	2,1	10,3
LA	6,4	6,1	6,8	6,2	6,3	5,1

c) *as actividades lúdicas de natureza simbólica*, compreendidas nas classes DA (dança e batimentos rítmicos) e DR (jogos de dramatização) apresentam percentagens que, no logradouro, decrescem do meio rural (12%) para o misto (8%) e para o urbano (7%). Em qualquer dos contextos esse valor aumenta na rua (14,7% na aldeia, 11,3% na vila e 16,5% na cidade);

d) *as práticas lúdicas com bola*, respeitantes às classes DB (jogos desportivos com bola) e OB (outros jogos com bola), surgem com valores intracontextuais idênticos, nas actividades do logradouro e da rua. Em qualquer das situações a percentagem decresce do contexto rural (18% no logradouro e 19% na rua) para o misto (14% nos dois espaços) e para o urbano (10% e 12%);

e) *os jogos de descoberta* (classe DE) têm, em qualquer dos meios sociocultuais, uma importância relativa mais acentuada no logradouro escolar (15% em todos os contextos) que na rua (4% na aldeia, 10% na vila e 7% na cidade);

f) no logradouro das escolas ocorrem poucos *jogos de locomoção* (LC), tais como lutas, patinagem, andar de *skates* ou de bicicleta, etc. (3% no meio rural, 1% no misto e 2% no urbano). Porém, na rua, aquelas práticas são mais frequentes, atingindo valores percentuais de 14% na aldeia e 10% na vila e cidade;

g) em qualquer dos contextos socioculturais, *os jogos de lançamento* (LA) mantêm, nos dois espaços considerados, valores percentuais entre os 5 e os 7%.

5 - CONCLUSÕES

Como Derruau (1982) salienta, as diferenças entre os contextos rural e urbano não são actualmente tão notórias como há algumas décadas. Não obstante essa aproximação entre a aldeia e a cidade, foram encontradas variações mais ou menos acentuadas entre os três meios sociocultuais em estudo, quer no que concerne às condições socioeconómicas das famílias das crianças entrevistadas, quer aos espaços disponíveis no logradouro escolar e na comunidade.

Os logradouros das escolas urbanas são exíguos, tendo em conta o efectivo dos alunos. Embora a cidade disponha de espaços socioeducativos mais sofisticados, a sua acessibilidade é geralmente difícil, o que não sucede na vila e na aldeia, onde a natureza é de fácil utilização, oferecendo as condições ideais para grande número de práticas lúdicas.

Nem todas as crianças da cidade parecem dispôr de condições de segurança para a utilização lúdica da via pública, problema que será certamente mais grave nas grandes urbes.

As crianças da cidade possuem mais brinquedos comprados no comércio que as da vila e, sobretudo, da aldeia. Porém, estas têm mais objectos de suporte de jogos de grande movimento, enquanto as do meio urbano dispõem de maior quantidade de brinquedos robóticos e informáticos.

No meio urbano, sobretudo, as crianças estão a perder o hábito de fabricar os próprios objectos de jogo e, quando o fazem, quase sempre constroem brinquedos destinados a jogos simbólicos.

Elevado número de jogos são praticados em qualquer dos três contextos socioculturais, perdurando durante os quatro anos do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Em cada um dos meios existem práticas lúdicas exlusivas das raparigas ou dos rapazes, ou realizadas preferencialmente por um dos sexos biológicos. Todavia, essas preferências diferem de um contexto para outro.

Os *jogos de grande movimentação*, embora muito praticados em qualquer dos meios socioeconómicos estudados, acontecem com maior frequência no logradouro da escola que na rua. No meio urbano é considerável a diminuição da prática destes jogos do logradouro para a rua, facto que deve estar relacionado com a falta de segurança das vias públicas da cidade.

É no meio urbano que surge maior número de *jogos electrónicos, robóticos e informáticos* bem como de *jogos de mesa*, que não fazem apelo à motricidade grossa.

As actividades lúdicas de natureza simbólica, tais como as *danças, batimentos rítmicos e jogos dramáticos* ocorrem, em qualquer dos contextos estudados, com maior frequência na rua que no espaço de recreio da escola.

Nos contextos estudados, *as práticas lúdicas com bola* têm maior ocorrência na aldeia que na vila e cidade, quer no logradouro escolar, quer na rua, certamente devido à exiguidade daquele, ou à dificuldade de utilização lúdica das vias públicas urbanas, cada dia mais pejadas de transeuntes e veículos automóveis.

Bibliografia

BENAVENTE, A. e CORREIA, A. P. (1980). *Obstáculos ao sucesso na escola primária*. Lisboa: IED.

BENEDICT, R. (s/d). *Padrões de cultura*. Lisboa: Livros do Brasil.

BRONFENBRENNER, U. (1986). Dix années de recherche sur l'écologie du developpement humain. In M. Crahay e D. Lafontaine (E.D.S.). *L' art et la science de l' enseignement*. Liège: Labor, 283-301.

BOROTRAV, M. (1972). Classification des jeux. In J. Bandet e R. Sarazanas. *L'enfant et les jouets*. Paris: Casterman.

CAILLOIS, R. (1958). *Les jeux et les hommes (...)*. Paris: Gallimard.

CARVALHO, A., SMITH, P., HUNTER, T. e COSTABILE, A. (1990). Playground activities for boys and girls (...) *Play & Culture*, nº 3, 343-347.

CHATEAU, (1967). J. *Le jeu de l'enfant apres trois ans (...)* Paris: J. Vrin.

CHOMBART DE LAUWE, M.-J. (1976). L' interaction de l'enfant et de l'environnement (...) *Bulletin de Psychologie*, nº325, 954-969.

CHOMBART DE LAUWE, M.-J., BONNIN, P., MAYEUR, M., PERROT, M. e SOUDIERE, M. (1976). *Enfant en jeu*. Paris: Éditions du C.N.R.S..

CLASSIFICAÇÃO NACIONAL DAS PROFISSÕES (1980). Lisboa: Ministério do Trabalho (SICT).

CORREIA, H. (1986). Origem social, frequência em jardim de infância e insucesso escolar (...) Revista *O Professor*, nº75, 11-23.

COSTA, A. F. e MACHADO, F. L. (1987). Meios populares e escola primária (...)*Sociologia, Problemas e Práticas*, 2. Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda.

DERRUAU, M. (1982). *Geografia Humana - I*, Lisboa: Editorial Presença.

GARON, D. (1985). *La classification des jeux et des jouets. Le système ESAR*. Québec: Documentor, Inc.

GRÁCIO, S. e MIRANDA, S. (1977). Insucesso escolar e origem social (...) *Análise Social*, nº 51, XIII, 723-724.

KOOIJ, R.V.D. (1986). Different research approaches to play behavior. In R. Van Der Kooij e J. Hellendroorn, *Play, Play Therapy, Play research*. Netherlands: Swets & Zeitlinger, 279-304.

KOOIJ, R.V. D. e HURK, W.S. (1991). Relations between parental opinions and attitudes (...) *Play & Culture*, 4, 108-123.

KOOIJ, R. V. D. e MEYJES, H. P. (1986). L' État présent de la recherche sur l'enfant et le jeu. *Perspectives*, XVI, 1, 55-72.

LOPES, A. M. (1989). *As actividades lúdicas das crianças do ensino primário (...)* Monografia de Mestrado. ISEF/UTL (não public.).

MAUSS, M. (1966). *Sociologie et anthropologie*. Paris: PUF.

NETO, C. (1987). *Motricidade e desenvolvimento (...)*. Tese de Doutouramento. Lisboa: ISEF/UTL (não public.).

PARLEBAS, P. (1981). *Contribution à un léxique commenté en science de l' action motrice*. Paris: I.N.S.E.P..

PIAGET, J. (1968). *La formation du symbol chez l' enfant*. Neuchatel: Delachaux et Niestlé.

ROBERTS, J. M. e SUTTON-SMITH, B. (1962). Child training and game envolvement. *Etnology*, 1, 693-774.

SHERIF, C.N. e RATTRAY, G. D. (1977). Psychosocial, development and activity in middle childhood (5-12 years). In J. C. Albinson e G. M. Andrew (Ed.s), *Child in sport and physical activity*.

SERRA, M. C. (1992). *Desenvolvimento motor jogo e contexto cultural (...)*. Monografia de Mestrado, FMH/UTL (não public.).

SUTTON-SMITH, B. (1974). The folkgames of children. In J. Crespo (org.) (1979) *Antropologia do jogo*. Lisboa: ISEF/UTL, 143-148.

SUTTON-SMITH, B. (1975). The history, the evolution and diffusion of sports and games in different cultures. *HISPA Seminary*, 5-17.

SUTTON-SMITH, B. (1986). the metaphore of games in social science research. In R.V.D. Kooij e J. Hollendoorn, *Play, Play therapie, Play research*. Netherlands: Swets & Zeitlinger, 35-65.

THOMAS, J. R. e THOMAS, K. T. (1986). Development of genrer differences in physical activity. *Quest*, 40, 3, 219-229.